Transcrição - EP1

[Paola]

Olá a todos, sejam bem-vindos a este podcast onde falamos sobre cultura circular. Sou Paola e hoje estou acompanhada por Laura, da Colômbia, e por Patricia e Bárbara, do México. Elas lideram iniciativas que transformam os espaços públicos por meio da arte e da memória coletiva, promovendo o encontro e a participação em suas comunidades.

Hoje vamos conhecer mais sobre o trabalho delas, suas experiências e os desafios que enfrentaram ao longo do caminho. Laura, Patricia, Bárbara, bem-vindas! Como estão?

[Laura]

Bem, olá, obrigada! Como vocês estão? Muito obrigada por me convidarem para este espaço.

[Bárbara]

Olá, obrigada! Estamos muito felizes em compartilhar sobre o nosso festival.

[Patricia]

Olá, sou Patricia e muito obrigada pelo convite. Estamos aqui do México, muito animadas para compartilhar um pouco sobre o Festival *Luciérnagas para la Paz*.

[Paola]

É um prazer tê-las aqui hoje. Bárbara, você poderia nos contar mais sobre o *Luciérnagas para la Paz* e o tipo de atividades que realizam?

[Bárbara]

Bom, este festival começou em 2020 e surgiu porque um dos programas que temos no *Arte Sustentable* envolve intercâmbios de residências artísticas e culturais com algumas organizações internacionais. Neste caso, na França, com duas organizações: *Les Poussières* e *Auberfabrik*.

Através desses intercâmbios—desses felizes intercâmbios—aprendemos com eles uma técnica para construir lanternas. Essas duas organizações, em Paris, em uma cidade periférica chamada *Aubervilliers*, organizam há vários anos essa construção coletiva de lanternas, culminando em um grande desfile.

Para nós, foi uma ideia muito acertada trazê-la para o México, especificamente *Morelos*, onde moramos, e foi um grande sucesso.

Foi um sucesso porque também representou uma forma de apropriação do espaço público em um contexto onde o México é um país maravilhoso, mas é preciso levar em conta que tem uma segurança limitada. Criar esses espaços coletivos de criatividade, onde as pessoas se unem para construir algo que depois será usado no espaço público—à noite, ainda por cima—é algo muito significativo. Os espaços públicos no México podem ser inseguros, e à noite ainda mais.

Assim, essa apropriação gerou um festival muito emocionante em 2020. Após a pandemia e alguns outros desafios, decidimos retomá-lo para 2025 com essa grande oportunidade, pois o *British Council* está nos apoiando na realização do festival.

Por meio dessa iniciativa, nos conectamos com a *B-Arts*, uma organização baseada em *Stoke*, no Reino Unido. Eles foram os criadores originais dessa metodologia de construção de lanternas e organização de um grande desfile.

Eles ensinaram essa técnica às organizações francesas, que depois a transmitiram para nós. Agora, construímos uma rede muito emocionante e fascinante focada na construção comunitária e em festivais que se concentram mais no processo—no encontro entre as pessoas, no olhar nos olhos. E é exatamente isso que vamos fazer: o *Festival Luciérnagas para la Paz 2025*, que está prestes a começar, em colaboração com a *B-Arts* do Reino Unido.

[Paola]

Laura, e no caso do *Ibanasca*, como é o festival e que tipo de iniciativas vocês realizam?

[Laura]

Bom, nós somos uma fundação que trabalha questões de gênero por meio de expressões artísticas e culturais. Começamos nosso trabalho no final de 2020, e no ano passado, em 2024, realizamos a quarta edição do festival.

O festival é um espaço e uma plataforma de visibilidade para mulheres artistas de diferentes partes da Colômbia e da América Latina. Ele acontece em *Honda, Tolima*, uma cidade a três horas de Bogotá. É um lugar historicamente muito importante porque está localizado no centro do país e é atravessado pelo *rio Magdalena*, um dos principais rios da Colômbia.

Honda já foi e continua sendo um ponto chave na história do país e, atualmente, está se desenvolvendo tanto economicamente quanto turisticamente.

O festival surgiu da necessidade de criar uma comunidade de mulheres.

Julie's Bicycle
CREATIVE • CLIMATE • ACTION

BRITISH COUNCIL

Quando me mudei para *Honda*, que é uma cidade bem pequena, tive essa ideia com uma amiga de começar a construir uma rede de mulheres. Foi aí que a fundação começou a tomar forma. Depois, em 2021, conheci *Paula Kitaen*, uma artista local. Juntas, começamos a sonhar com a criação de espaços para mulheres dentro da arte urbana. Foi assim que o festival começou a se estruturar, com o apoio de outro colega, que também é gestor cultural.

A primeira edição surgiu desse processo e, ao longo do tempo, o festival foi se transformando.

O coração do festival é o muralismo. Convidamos mulheres de diferentes partes da Colômbia e da América Latina para intervir no espaço público.

Este ano, graças à nossa parceria com o *British Council*, tivemos nossa primeira convidada do Reino Unido. Todo ano, escolhemos um tema curatorial. No ano passado, o tema foi *"Mulheres e Saberes"*, um tributo às mulheres que preservam tradições através da alimentação e dos ofícios manuais.

Com base nesse tema, conversamos com todas as participantes do festival e, a partir dessas conversas, desenvolvemos todo o processo criativo dos murais.

Até agora, já pintamos mais de 60 murais em *Honda*, o que é algo incrível. Acredito que *Honda* seja a única cidade do mundo onde quase toda a arte urbana—cerca de 98%—foi feita por mulheres.

Isso é muito poderoso.

Além dos murais, organizamos passeios guiados que têm contribuído para a transformação do espaço público, o crescimento do turismo e a participação ativa da comunidade.

O festival também inclui palestras e oficinas—a parte educativa é muito importante para nós.

Realizamos mostras audiovisuais, com chamadas abertas para mulheres produtoras e cineastas. Apresentamos os trabalhos de mulheres colombianas e latino-americanas, e este ano também tivemos diretoras e produtoras do Reino Unido.

Além disso, organizamos exposições, incluindo exposições fotográficas, sempre com o objetivo de dar mais visibilidade ao trabalho das mulheres.

E, como a *Bárbara* mencionou, a Colômbia também é um lugar perigoso.

Por isso, sentimos que nosso trabalho é um *statement* de que as mulheres podem ocupar as ruas, que estamos nos apropriando do espaço público, e que ver uma mulher pintando um mural, sendo a artista e dona de sua obra, deve ser algo normal—especialmente em uma cidade pequena onde as pessoas nem sempre enxergam essas possibilidades.

Além do festival, estamos expandindo nossas atividades para a produção cultural, principalmente no audiovisual. Já produzimos curtas documentais e acabamos de lançar um livro sobre a memória histórica da gastronomia local, para que visitantes possam conhecer *Honda* através da comida.

O livro traz as histórias das mulheres da cidade, os pratos que elas preparam e ilustrações feitas por uma artista local.

Somos um verdadeiro ecossistema cultural e artístico, de onde surgem muitas iniciativas. O festival é uma forma de mostrar os processos que estamos desenvolvendo dentro da fundação.

[Paola]

Ibanasca é um nome bastante único. Por que vocês o escolheram e o que ele representa para vocês?

[Laura]

Ibanasca era uma xamã indígena dos *Pijaos*, uma tribo que vivia em *Tolima*. Ela morava no vulcão. Quando os espanhóis chegaram, acreditavam que ela estava escondendo riquezas. Mas, na verdade, ela estava protegendo seu território contra a colonização.

Por ser xamã e ter um vasto conhecimento ancestral, foi queimada viva, acusada de ser uma bruxa.

Segundo a lenda, quando ela estava sendo queimada, a fumaça do fogo subiu até o *Nevado del Tolima*, e dizem que seu espírito ainda habita lá.

Nosso projeto é uma oferenda em honra a tudo o que ela fez. Um dos objetivos do *Ibanasca* é se reconectar com o que existia antes da colonização—é um presente para a deusa, que sentimos ter nos aberto muitos caminhos.

Também é um símbolo de resistência e luta pelo território. Por isso, quisemos prestar essa homenagem.

[Paola]

Patricia, como começou o caminho do *Luciérnagas para la Paz* rumo à sustentabilidade? Houve algum momento determinante que levou vocês a focarem nesse tema?

[Patricia]

Bom, este festival faz parte de um dos projetos da *Asociación Civil Arte Sustentable*.

A sustentabilidade sempre foi um dos eixos principais da associação, e isso se reflete nos projetos que realizamos, como este festival.

Tudo começou a partir da conscientização sobre como nós, como gestores culturais, compartilhamos projetos com a comunidade e qual impacto eles têm sobre as pessoas.

Por exemplo, em *Cuautla*, temos observado constantemente como o rio vem sendo contaminado e como a comunidade perdeu a consciência sobre a necessidade de preservar o meio ambiente.

O rio é um lugar lindo e muito grande, mas, com o tempo, foi sendo degradado.

Por isso, uma das atividades que realizaremos neste festival será um pequeno workshop de lanternas no Rio Cuautla, com o objetivo de conscientizar as pessoas sobre a importância desse espaço.

Também queremos conscientizar sobre o impacto do lixo que produzimos e consumimos no festival. Um problema muito comum são as garrafas plásticas—muitas pessoas chegam aos workshops com garrafas descartáveis.

Em vez disso, vamos disponibilizar grandes recipientes de água para que os participantes tragam suas próprias garrafas reutilizáveis, encham com água e evitem comprar garrafas descartáveis que acabam no lixo.

Além disso, teremos estações de separação de resíduos, para garantir que as garrafas descartáveis que chegarem ao festival sejam separadas corretamente e enviadas para reciclagem, em vez de poluírem o meio ambiente.

Em *Zacualpan de Amilpas*, uma das comunidades com as quais trabalhamos, as pessoas já possuem uma forte consciência ambiental. Elas percebem os impactos das mudanças climáticas e do acúmulo de lixo.

Ouvimos muitos relatos sobre como o meio ambiente tem se deteriorado e como algumas espécies de plantas desapareceram. Isso nos fez refletir sobre quais ações podemos tomar, através dos nossos projetos, para reduzir os impactos ambientais.

[Paola]

Laura, e como foi para o *Ibanasca*? O que motivou vocês a incorporarem a sustentabilidade no festival?

[Laura]

Julie's Bicycle
CREATIVE • CLIMATE • ACTION

BRITISH COUNCIL

Bom, neste ano, colaboramos com um projeto voltado para processos de sustentabilidade com um enfoque ambiental, econômico e social.

Sempre trabalhamos com as questões sociais e econômicas, mas não tínhamos informação suficiente para implementar um processo de sustentabilidade realmente responsável.

Ganhar o *Circular Culture Grant* nos fez muito mais conscientes desse tema, e foi uma experiência muito interessante.

Sinto que nos tornou mais atentas a como implementar práticas sustentáveis, não apenas no festival, mas em todos os processos que realizamos. Passou a ser algo transversal.

Implementamos várias estratégias e mapeamos as iniciativas de sustentabilidade que já existiam em *Honda*. Também realizamos ações educativas com a comunidade.

Nos tornamos uma ponte entre a comunidade e o conhecimento, abrindo espaços não só para a arte, mas também para aprendizado sobre reciclagem, compostagem e aproveitamento de resíduos.

Por exemplo, trabalhamos com as mulheres que administram as cozinhas no mercado local para explorar formas de reutilizar restos de alimentos.

Outro projeto muito bonito foi a instalação de um eco-muro.

Todas as pessoas envolvidas no festival—cerca de 80 participantes—tinham que trazer suas próprias garrafas reutilizáveis.

Durante os dias do festival, bebemos água através do **eco-muro**, que foi instalado com antecedência e abastecido com água da chuva. Assim, evitamos desperdícios.

Depois, doamos o eco-muro para uma escola em *Honda*. Algumas escolas da cidade não têm muitos recursos nem acesso fácil à água potável, então essa ação também ajudou a conscientizar os alunos.

A equipe *Yaru*, que foi incrível, conduziu um workshop na escola, ensinando os estudantes a usar o eco-muro. Isso deu início a um processo educativo e de sensibilização dentro da comunidade.

Adoramos conectar a arte com tudo o que fazemos.

Pintamos um mural coletivo ao lado do *Rio Gualí*. Além disso, junto com a comunidade, limpamos o rio, realizamos uma oficina e depois pintamos o mural juntos.

Acredito que essas atividades impactam diretamente na conscientização das pessoas, principalmente das crianças. A comunidade fica mais receptiva, mais aberta para aprender e entender por que a sustentabilidade é importante.

[Paola]

Bárbara, e no caso de vocês, como tem evoluído a abordagem da sustentabilidade? Vocês têm incorporado novas formas de integrá-la ao festival?

[Bárbara]

Sim, porque algo que me marcou profundamente foi a ideia de que a paz é um processo contextual e totalmente holístico.

A paz também significa que sua relação com o meio ambiente e o território deve ser baseada no respeito e no enriquecimento mútuo.

Por isso, o festival se chama *Luciérnagas para la Paz*—porque é fundamentalmente sobre criar laços, fortalecer o tecido social e recuperar os espaços públicos.

Mas o espaço público também inclui elementos ambientais essenciais.

É por isso que a sustentabilidade passou a ter uma nova dimensão para nós.

Não se trata apenas de medidas práticas, como incentivar o uso de bicicletas ou proibir plásticos descartáveis—embora essas ações sejam essenciais.

Em vez disso, passamos a enxergar a sustentabilidade como algo profundamente ligado à maneira como nos relacionamos com o ambiente.

Trata-se de desenvolver uma consciência profunda sobre como podemos contribuir para melhorar, fortalecer e proteger nosso território—impedindo que ele seja degradado pela poluição, violência ou insegurança.

Agora abordamos a sustentabilidade de uma maneira integral.

Não se trata apenas de técnicas específicas, como economizar água—embora isso continue sendo fundamental—mas sim de adotar uma postura ética que se recusa a violar direitos.

[Paola]

Patricia, na sua região, quais são os maiores desafios ambientais e climáticos que vocês enfrentam?

[Patricia]

Ah, bom, em relação ao clima—o calor.

Um dos desafios que enfrentamos no festival devido ao clima é que as lanternas que fazemos têm uma vela dentro.

Na primeira edição do festival, seguimos o mesmo processo usado na França e na Inglaterra para colocar as velas. No entanto, no último dia, quando fomos entregar as lanternas, percebemos que muitas das velas haviam derretido por causa do calor, e tivemos que trocá-las.

Então, dentro do processo de fabricação das lanternas, tivemos que adaptar o método ao clima de *Morelos*, que é realmente muito quente.

Em relação aos desafios ambientais, acho que a *Bárbara* falou algo muito importante sobre a consciência do espaço.

Huautla é uma cidade pequena, mas, nos últimos anos, cresceu muito. Muitas pessoas vieram de outras regiões e estados.

Como consequência, a percepção sobre espaço compartilhado e responsabilidade já não é a mesma de antes.

Acredito que nossa missão seja justamente aumentar a conscientização sobre como queremos viver e como devemos cuidar dos espaços que habitamos.

[Paola]

E vocês, Laura? Que tipo de problemas ambientais vocês identificaram no contexto do *Ibanasca*?

[Laura]

Bom, o calor também.

As temperaturas podem chegar a 45°C no verão.

Isso afeta muito, especialmente durante os dias do festival, quando estamos pintando na rua—é muito cansativo.

Outro grande problema é que o *Rio Magdalena* está poluído, apesar de ser um dos rios mais importantes da Colômbia.

Acho que é fundamental aumentar a conscientização sobre isso.

Como a *Bárbara* mencionou, às vezes sinto que as pessoas não estão conectadas com seu território e não percebem a importância do rio.

Por isso, acabam jogando **lixo no rio**, o que gera poluição, mau cheiro e muitos danos à água.

As pessoas simplesmente não têm essa consciência.

Esse é um dos nossos maiores desafios: criar uma cultura de cuidado e preservação do rio.

As coisas estão mudando, mas ainda há um longo caminho a percorrer.

[Paola]

Me conta como foi a experiência de *Ibanasca* no programa *Cultura Circular*.

[Laura]

Foi uma experiência incrível e desafiadora, e muito importante para nós.

Também sentimos que foi um voto de confiança—já tínhamos trabalhado com outras organizações antes, mas desta vez parecia que estavam realmente apostando em nós e em nossa equipe.

Foi um momento de aprendizado—percebemos que tínhamos critérios a cumprir, objetivos a alcançar, e isso nos ajudou a nos organizar melhor.

Também nos permitiu criar alianças com o Reino Unido, o que foi muito valioso.

Graças a essa oportunidade, conhecemos um projeto maravilhoso chamado *Lon-art Creative*, que tem uma iniciativa chamada *Sheroes*.

Através deles, construímos uma parceria de trabalho, e deixamos a porta aberta para futuras colaborações.

Coincidentemente, nossos focos são muito semelhantes, então a conexão foi muito interessante.

Além disso, essa experiência nos deu mais credibilidade, permitindo que outras organizações confiem em nós e apoiem nosso crescimento.

Nos tornou muito mais conscientes sobre a importância da sustentabilidade e das práticas responsáveis, tanto dentro da equipe quanto nos projetos.

O que achei mais interessante foi que o programa não foi apenas um simples *"Parabéns, vocês ganharam o financiamento"*—eles ofereceram um acompanhamento rea**l**.

Nos ajudaram a refletir sobre aspectos-chave do nosso time, sobre como trabalhamos.

Esse suporte e tudo o que aprendemos nos ajudou a agir com mais consciência—e acredito que esse seja o objetivo final: fazer as coisas com atenção, com amor, e bem feitas.

Essa experiência abriu nossas mentes.

[Paola]

Bárbara, e no caso do programa *Cultura Circular*, que impacto essa participação teve no trabalho que vocês fazem com *Luciérnagas para la Paz*?

[Bárbara]

Bom, sinceramente, como já mencionei antes, me sinto muito sortuda porque no *Arte Sustentable* já tínhamos experiência com intercâmbios com organizações na Europa.

Mas o que o programa *Cultura Circular* fez foi mostrar a necessidade de integrar a sustentabilidade em todas as nossas ações.

Além disso, ele confirmou algo que já vínhamos fazendo intuitivamente—essa visão holística da paz, dos direitos humanos e dos direitos ambientais.

Esses conceitos já estavam entrelaçados no nosso trabalho, mas o programa nos ajudou a consolidá-los.

Também nos deu a oportunidade de estabelecer uma nova relação com outra organização no Reino Unido, algo que ainda não tínhamos explorado.

Acreditamos que essa conexão pode levar a algo muito positivo.

Afinal, no setor cultural, é como dizem: **"**girafas andam com girafas, rinocerontes com rinocerontes**"**, não é?

Nos encontramos ao longo do caminho, e essas conexões são muito enriquecedoras.

Elas nos fazem olhar além do nosso território, permitindo que aprendamos com outras pessoas e ampliemos nosso impacto.

[Paola]

Patricia, nos conte como suas atividades se conectam com temas de paz e gênero no espaço público.

[Patricia]

Julie's Bicycle
CREATIVE • CLIMATE • ACTION

BRITISH COUNCIL

Bom, a ideia do *Luciérnagas para la Paz* surgiu porque o festival acontece em *Cuautla*, um município no México, especificamente em *Morelos*, onde os índices de violência são extremamente altos.

O festival foi criado como resposta a essa realidade.

Decidimos organizar um evento em espaços públicos à noite, que são ainda mais perigosos.

Percebemos que começaram a surgir certos comentários e relatos, como:

"Ah não, vamos embora, ainda está cedo."

"Não quero sair à noite."

"Não vou para lá à noite."

Já ouvi coisas parecidas de amigos, incluindo *Bárbara*, e de pessoas que vivem nesta comunidade há muitos anos.

Elas me disseram que nem sempre foi assim—no passado, as pessoas costumavam andar de bicicleta à noite, se reunir nas ruas, colocar cadeiras na frente de casa para conversar e cumprimentar os vizinhos.

Mas todas essas rotinas cotidianas desapareceram por causa da insegurança.

Por isso, o festival existe—para encorajar as pessoas a saírem à noite por meio da arte, em um espaço onde possam se sentir seguras, se divertir e passar tempo em família.

É um evento onde pais e filhos costumam participar juntos.

E quando falamos sobre mulheres, neste ano teremos uma atividade especial para elas, pois o festival coincide com 8 de março (Dia Internacional da Mulher).

Estamos colaborando com um coletivo feminista chamado *Intrépidas Barraganas* para realizar um workshop de lanternas exclusivo para mulheres, como parte das atividades do *8 de março*.

O evento se chama "A Lua é Nossa".

Durante o workshop, criamos um espaço seguro para troca de experiências e conversas sobre gênero.

É um espaço de escuta ativa, e é uma experiência muito enriquecedora.

[Paola]

Julie's Bicycle
CREATIVE • CLIMATE • ACTION

BRITISH COUNCIL

Laura, quando vocês trabalham nas intervenções artísticas do *Ibanasca*, como é o processo criativo? Quais estratégias vocês usam para garantir que cada obra reflita a identidade e a memória da comunidade?

[Laura]

Bom, todos os anos escolhemos um tema curatorial.

Começamos fazendo uma pequena pesquisa e escrevendo um texto conceitual.

Quando convidamos as artistas, enviamos esse texto para que elas tenham contexto, junto com outras informações.

Quando as artistas chegam a *Honda*, começamos com um reconhecimento do território.

Levamos elas ao rio, aos museus mais importantes, e, nesse ponto, elas já vêm com um conceito em mente, que refinamos juntas.

Cada ano é diferente.

Por exemplo, neste ano, trabalhamos em um bairro vulnerável, então o processo foi guiado pelo objetivo de contribuir para o desenvolvimento cultural e turístico do município.

Não pintamos em qualquer lugar—focamos em ativar áreas com potencial, de forma coerente e respeitosa.

A criação dos murais é, claro, um processo pessoal de cada artista, mas também se entrelaça muito com a comunidade.

Conversamos com os moradores, e algumas artistas até permitem que crianças participem da pintura de seus murais.

Também temos um programa em que convidamos jovens que gostam de pintar, mas não são profissionais, para assistir as artistas.

Isso cria uma troca de conhecimento, e assim acontece nosso processo criativo.

[Paola]

Bárbara, olhando para o futuro, quais são os próximos passos na sua jornada rumo à sustentabilidade?

[Bárbara]

Bem, primeiro precisamos fazer uma análise quando o festival terminar, certo? O que foi que observamos? E a partir disso, tomar as medidas necessárias para fortalecer as áreas que apresentam sinais de alerta, por assim dizer. O mais importante é avançar na adoção de ferramentas e modelos que nos permitam eliminar completamente o uso de descartáveis e promover o uso da bicicleta de forma mais comprometida, né?

Certas coisas que nos ajudam a melhorar essas práticas. E a outra questão é gerar atividades no rio. Já havíamos pensado nisso este ano, mas por problemas operacionais e logísticos, não conseguimos concretizar. No entanto, para 2026, um dos nossos principais espaços será o rio, e um dos eixos centrais de reflexão, por meio da linguagem artística, será o rio, com diversas atividades acontecendo ali, né?

E claro, uma das coisas mais importantes que fazemos é sempre nos conectar com organizações e grupos culturais e artísticos, então nosso objetivo é articular ações. Tudo isso tem a ver com refletir sobre a importância desse recurso natural para a cidade.

[Paola]

Laura, e no caso do Ibanasca, que novos desafios ou metas vocês estão traçando nessa jornada?

[Laura]

Bom, o festival tem crescido muito nos últimos anos, e na próxima edição, que será em outubro de 2026, vamos realizá-lo em uma cidade maior. Isso significa desenvolver uma estratégia junto com a comunidade, o que trará desafios diferentes, já que sempre realizamos o festival em Honda, que é uma cidade mais fácil de administrar. Nosso objetivo, em colaboração com uma universidade de Ibagué, é trabalhar com os estudantes para criar essa estratégia, para que eles, desde o início de suas carreiras, possam desenvolver a consciência da importância desse tipo de iniciativa. Também vamos trabalhar com o Yarumo Lab, que foi uma parceria maravilhosa conquistada por meio do prêmio que ganhamos nessa convocatória.

[Paola]

Patricia, existe alguma lembrança ou experiência do festival que tenha sido particularmente significativa para você?

[Patricia]

Ah, muitas! Bom, vamos ver, o festival já teve duas edições, e na primeira eu participei mais da parte operacional, no território. Foi meu primeiro contato com essas organizações francesas que a Bárbara mencionou, e a primeira vez que participei de um projeto tão grande.

Pessoalmente, isso me permitiu criar laços com pessoas daqui de Morelos e também com amigos da França.

Então, além do meu crescimento profissional como gestora cultural, aprendi muito—e sigo aprendendo—sobre como lidar com a parte operacional, como organizar tudo. Agora que estou com vocês no Cultura Circular, também aprendi novas ferramentas que podem ser implementadas nos festivais para que cresçam e se tornem mais bem estruturados, né?

Levo comigo muitas experiências bonitas, principalmente trabalhar diretamente com a comunidade, nos workshops—é tão enriquecedor ver as pessoas criando suas lanternas, estar ali com as famílias, com as crianças, com os pais, acompanhando a construção das lanternas. E no dia do evento, conseguimos um colégio que tem um grande portão para um campo de futebol, então reunimos todas as lanternas ali. As pessoas foram chegando com suas lanternas no campo, e foi absolutamente lindo ver à noite como elas começaram a se acender, uma por uma, e outra, e outra, e outra… Ver o rosto das crianças no desfile com suas lanternas—elas estavam radiantes de felicidade, sinceramente, foi muito divertido.

[Paola]

Laura, agora uma pergunta para você. Ao longo do festival, qual foi o momento que mais encheu vocês de orgulho ou que fez com que sentissem que todo o trabalho realmente valeu a pena?

[Laura]

Acho que houve muitos momentos, porque fazer gestão cultural é muito difícil—tanto na Colômbia quanto, tenho certeza, no México também. Mas é incrivelmente gratificante. Sinto que continuamos porque sabemos que precisa ser feito. Quando se cria um projeto como este, não é só sobre a ideia inicial—você vê como ele toma forma e cresce graças a todas as pessoas que se identificam com a necessidade de que esses espaços existam. Isso tem sido algo realmente lindo.

E também trabalhar com amigas, se apoiar quando as coisas ficam difíceis e você se pergunta, *Será que devo continuar fazendo isso?* Aí vêm as amigas e dizem, *Sim, claro! É lindo! Olha tudo o que construímos!* Sinto que esses momentos fazem tudo valer a pena. Temos que continuar construindo, continuar criando, mesmo que seja difícil—conquistar incentivos, ganhar editais, expandir a equipe. É assim que percebemos que as coisas estão indo bem, mesmo que o processo seja difícil e lento. O importante é seguir em frente e não parar nunca.

[Paola]

Bárbara, se você pudesse imaginar o impacto do *Luciérnagas para la Paz* no futuro, que mudanças gostaria de ver na comunidade e na vida das mulheres e meninas?

[Bárbara]

Bem, a nossa visão é que o *Luciérnagas para la Paz* se torne *o* festival desse município. Porque ele representa não apenas um contato com as artes, mas também a oportunidade de compartilhar um espaço, de olhar nos olhos uns dos outros, de nos reconhecermos como parte de uma comunidade, de um território. Também significa a retomada dos espaços públicos, que nos foram negados por tanto tempo devido à violência e à insegurança. Ou seja, tem todos os elementos essenciais para se tornar um evento profundamente querido pela comunidade ou pela cidade onde vivemos.

É para isso que estamos trabalhando—para que ele se torne um símbolo cultural e social da cidade. Também queremos destacar elementos importantes como o rio, as ruas, e a possibilidade de unir esforços com outros coletivos culturais. Esse é o caminho que estamos seguindo, e temos certeza de que, com o apoio de iniciativas como *Cultura Circular*, podemos alcançar esse objetivo.

Queremos expandir esse projeto para que ele se torne uma das principais atividades culturais e sociais da comunidade. Esse é o nosso objetivo, e seguiremos caminhando, um passo de cada vez.

[Paola]

Laura, Bárbara, Patricia, muito obrigada por esta conversa e por compartilharem o incrível trabalho que realizam através dos seus festivais. É realmente inspirador saber mais sobre como a sustentabilidade, a arte e a regeneração dos espaços públicos podem caminhar juntas.

[Bárbara]

Muito obrigada por nos receber. Espero que possamos continuar essa conversa.

[Laura]

Muito obrigada. Este espaço foi muito especial. Adorei conhecer todas vocês, e sejam sempre bem-vindas a Honda e à Colômbia.

[Patricia]

Obrigada, Paola. Obrigada pelo convite e por este espaço. E Laura, obrigada também! Você está mais do que convidada para o México—para colaborar, participar, trocar contatos. E, bom, muito obrigada.

[Paola]

Parabéns a todas! Até a próxima!